



3 a 6 de novembro de 2009 - Londrina - Pr - ISSN 2175-960X

## **PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA ASSISTENTES EM EDUCAÇÃO DE SURDOS NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS**

**Autores: ADRIANA DOS SANTOS VEIGA-  
PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS<sup>1</sup>**

**CRISTIANE ALVES SANT'ANNA-  
PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS<sup>2</sup>**

**EDICLÉA MASCARENHAS FERNANDES-  
PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS<sup>3</sup>**

**MAGALI CERDEIRA  
-PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS<sup>4</sup>**

**SIMONE MARIA PEREIRA SILVA-  
PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS<sup>5</sup>**

### **Introdução**

O Trabalho com alunos surdos realizado na Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias, tem como base o aprendizado através da Língua Brasileira de Sinais por acreditarmos que esta língua reconhecida cientificamente, é um sistema lingüístico de comunicação gestual visual, com estrutura gramatical própria, oriunda das comunidades surdas do Brasil ; uma língua com estrutura independente da Língua Portuguesa, que possibilita o desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo, favorecendo seu acesso a conceitos e conhecimentos existentes.

Nossa abordagem teórica quanto à concepção de ensino é concebida por uma visão sócio-interacionista de aprendizagem. A língua é entendida nesta concepção por Vygotsky, como um sistema partilhado entre sujeitos, é o instrumento na construção do conhecimento ao mesmo tempo em que introduz os alunos no curso de um desenvolvimento sócio-histórico e cultural.

---

<sup>1</sup> Professora de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental-Instrutora de LIBRAS e Multiplicadora pelo MEC- Instrutora de LIBRAS da Coordenadoria de Educação Especial da SME de Duque de Caxias, Programa de Educação de Surdos- Rua José Carlos Lacerda, s/nº- centro- Duque de Caxias/RJ-CEP 25 000-000 – adrivei@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental-Instrutora de LIBRAS e Multiplicadora pelo MEC- Instrutora de LIBRAS da Coordenadoria de Educação Especial da SME de Duque de Caxias, Programa de Educação de Surdos- Rua José Carlos Lacerda, s/nº- centro- Duque de Caxias/RJ-CEP 25 000-000- crisalves05@hotmail.com

<sup>3</sup> Coordenadora de Educação Especial da SME de Duque de Caxias- Profª Adjunta da Faculdade de Educação da UERJ- Doutora em Ciências (FIOCRUZ)- Mestre em Educação (UERJ)- Rua Quintino Bocaiúva 50- centro- Duque de Caxias/ RJ- CEP 25010-280- professoraediclea.uerj@gmail.com

<sup>4</sup> Fonoaudióloga- Professora especializada na área de surdez- Consultora da Coordenadoria de Educação Especial da SME de Duque de Caxias, Programa de Educação de Surdos- Rua José Carlos Lacerda, s/nº- centro- Duque de Caxias/RJ- CEP 25000-000- magalicerdeira@hotmail.com

<sup>5</sup> Fonoaudióloga-Consultora da Coordenadoria de Educação Especial da SME de Duque de Caxias, Programa de Educação de Surdos- Rua José Carlos Lacerda, s/nº- centro- Duque de Caxias/RJ- CEP 25000-000- simonefono@oi.com.br

Em seus textos da obra “Fundamentos da Defectologia” (1989), especificamente no que diz respeito à surdez, Vygotsky aponta mudanças em sua maneira de pensar o desenvolvimento da criança surda onde em seu texto inicial, “Princípios da educação social para crianças surdas” (1925) ele se apresentava favorável a oralização.

Em 1931, o pesquisador publicou o texto “O coletivo como fator de desenvolvimento da criança anormal” (Vygotsky, 1989), onde já destaca a mímica como um tipo de linguagem do surdo, propondo ainda, a poliglossia, ou seja, a utilização de múltiplos recursos para que o surdo tenha acesso à linguagem. Sendo assim, ele afirmava:

*A luta da linguagem oral contra a mímica, apesar de todas as boas intenções dos pedagogos, como regra geral, sempre termina com a vitória da mímica, não porque precisamente a mímica, desde o ponto da vista psicológico, seja a linguagem verdadeira do surdo, nem porque a mímica seja mais fácil, como dizem muitos pedagogos, mas sim, porque a mímica é uma linguagem verdadeira cheia de riquezas e de importância pronuncia oral das palavras, formadas artificialmente, está desprovida da riqueza vital e é só uma cópia sem vida da linguagem viva. (Vygotsky, 1989:190)*

Em uma análise, Vygotsky, aponta a necessidade de uma nova postura pedagógica em relação à linguagem do surdo: o uso desta e o lugar de construção dos recursos lingüísticos.

Iniciada na família e enriquecida na vida, a comunicação é a base fundamental no desenvolvimento emocional, psíquico e cognitivo do indivíduo surdo e a Língua de Sinais é fundamental para garantir que isto ocorra naturalmente. Sendo assim o surdo tem o direito de ter acesso a Língua Brasileira de Sinais o mais cedo possível.

A abordagem em situações bilíngüe em nossa rede de ensino ocorre segundo o bilingüismo composto (Carrol 1970) no qual a aquisição da Língua Portuguesa efetua-se em situação de aprendizagem, neste caso, prevalece o sistema de significado da Língua de Sinais, isto quer dizer que a Língua de Sinais foi adquirida naturalmente e é dominante.

Neste momento gostaríamos de deixar claro algumas questões quanto ao ensino da Língua Portuguesa e sua relação com a Língua de Sinais. Começamos afirmando que “nenhuma língua se desenvolve no vácuo” (Moita Lopes, 1986), freqüentemente quando o aluno surdo chega à escola é uma tábua rasa em relação à língua, geralmente não possui língua alguma. Se é surdo filho de ouvinte desconhece ambas as línguas, se é surdo filho de pais surdos desconhece geralmente a língua portuguesa, dentro desta perspectiva fica fácil entender o grau de dificuldade de uma criança surda ao ingressar na escola. A educação como sabemos precisa de alunos que cheguem à escola com uma língua completa desenvolvida e não existe uma política para surdos que indique o seu direito a adquirir naturalmente a primeira língua, logo, a escola além de desenvolver o processo pedagógico dos alunos surdos também fica com encargo de propiciar o acesso à língua de sinais a estes alunos.

Quando uma pessoa surda encontra com os seus pares surdos, naturalmente, ela desenvolve sua língua, é claro que em idade adulta existe certa dificuldade em adquiri-la, geralmente o adulto surdo fica entre uma interlíngua, quer dizer, a língua de sinais que ele não aprende profundamente e a língua portuguesa que ele sabe que existe e não a domina também. Em seus textos (Capovilla e Rafael, 2001) apontam:

“O código alfabético registra os sons da fala ao qual o Surdo não tem acesso, e não a forma do sinal com que ele pensa e se comunica, esse código é incapaz de falar à mente do surdo como falam à do ouvinte. Ele é incapaz de evocar direta e naturalmente o pensamento do surdo simplesmente porque, no surdo o pensamento se dá em sinais. Como a mecânica do código só é capaz de produzir a fala interna, mas não à sinalização interna, a escrita acaba consistindo, para o surdo, num agregado complexo e mudo de traços visuais, cuja relação arbitrária com as coisas precisa ser aprendida por memorização descontextualizada e artificial.

Podemos entender neste momento o quanto é difícil a escolarização da pessoa surda. Visto que “toda criança, já ingressa na escola letrada” (Soares, 1988). Assim sendo, a aquisição da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, se processa em condição artificial, e esta baseada nos pressupostos utilizados pelos ouvintes que a recebem em condição natural, portanto é necessário que ela seja vivenciada em atividades significativas que possam interessar os alunos pela leitura e escrita ampliando suas experiências com o mundo, em nosso trabalho com surdos, como proposta pedagógica optou por uma alternativa de trabalho em sala de aula que procure superar as práticas já existentes, onde o aluno deve ser o sujeito de sua própria aprendizagem e as práticas pedagógicas superem uma visão descontextualizada e estática de ensino, permitindo situações em classe que aproxime os alunos dos conteúdos escolares através de ações socialmente construídas.

A Declaração Mundial de Educação para Todos e a Declaração de Salamanca (Brasil, 1994) institui (...) a importância da língua de sinais como meio de comunicação para os surdos e (...) devem receber apoio adicional no programa regular de estudos, ao invés de seguir um programa de estudos diferentes.

Refletindo sobre este referencial pretendemos apontar algumas condições de experiência escolar de alunos surdos que tomamos como ponto de partida para refletir sobre nosso “movimento de tensão e ruptura entre a educação de surdos e a educação especial” (Skliar, 1997).

Preocupava-nos o fato de alunos surdos ingressarem na escola, ali permanecendo durante anos, sendo “tratados não pela sua diferença lingüística e sim como sujeito patológico e também a postura educacional que visava à normalização, a adaptação social e a aceitação da surdez como deficiência. Sendo assim, quando completava seu “tempo” na escola o aluno evadia sem nenhuma escolaridade comprovada, ficando nele um sentimento de tempo perdido

A partir destas condições tentamos aproximar o surdo da escola e distribuir os currículos nos ciclos como acontece nas séries em classes regulares recompensando todos os anos de estudos. Este trabalho é desenvolvido por projetos, dentro de uma visão interdisciplinar. O planejamento, como os objetivos das atividades propostas e os conhecimentos específicos são trabalhados e construídos com o uso dominante da língua de sinais, objetivando a leitura de mundo, interagindo com ela de modo a adquirir sua identidade.

Com este enfoque, o trabalho que vem sendo desenvolvido neste município se ancora fielmente nos pressupostos filosóficos do bilingüismo. Para que este trabalho se desenvolva sem alterar os fundamentos da inclusão, no âmbito educacional, percebemos a necessidade de ter um modelo particular de inclusão para o nosso município, que tem como base o desenvolvimento do aluno em língua de sinais por esta ser a mais



confortável e natural para o próprio sujeito que interage com o mundo através das experiências visuais.

O trabalho enfoca três projetos: **Projeto Educação e Cidadania**, **Projeto de Capacitação para Monitores (Assistentes em Educação de Surdos)** e o **Curso de Língua de Sinais para Família e Comunidade Escolar**.

O **Projeto Educação e Cidadania** volta-se para o papel dos assessores de Língua de Sinais na Educação de Surdos. Ao se revisar as propostas educacionais destinadas ao atendimento aos alunos surdos, desenvolvidas pela Equipe de Educação Especial, possibilitou a elaboração de um projeto pedagógico ancorado nos pressupostos do BILINGUISMO. Através do BILINGUISMO, buscamos o caminho para atender as especificidades da educação dos surdos no contexto sócio - cultural da sua língua materna, sem deixar de considerar como básico a utilização e o aprendizado da língua portuguesa.

Como valorização da língua de sinais na educação do surdo, temos de considerar que os estudos e as práticas pedagógicas têm apontado que, por ser a língua de sinais aquela que é natural ao surdo, constitui um aspecto fundamental para o desenvolvimento de uma aprendizagem, favorecendo sua cognição, afetividade e socialização. Entendemos que uma proposta pedagógica baseada no bilingüismo leva em conta um profundo respeito pela cultura elaborada pelas pessoas surdas e, através dela, procura garantir o direito á igualdade de oportunidades educacionais.

Ter a língua de sinais como estrutura fundamental para educação de surdos exige um maior contato possível com a LIBRAS (língua brasileira de sinais), através da convivência com pessoas surdas e pessoas ouvintes que dominam a língua de sinais. São estas pessoas que consideramos ASSESSORES de língua de sinais. O contato com a língua de sinais é o mecanismo mediador para a comunicação entre surdos e ouvintes e os assessores de língua de sinais auxiliam esse processo, ajudando os professores e alunos a se comunicarem, também orientando professores, técnicos e responsáveis na compreensão das reais necessidades especiais das pessoas surdas. Os assessores são uma ponte na comunicação entre o surdo e o mundo ouvinte, e vice-versa. Assim, facilitam a integração e participação dos alunos no contexto escolar, familiar e na comunidade.

Como assessores, faz-se necessário a distinção entre o assessor surdo, que tem a língua de sinais como língua natural e o assessor ouvinte que domina a língua de sinais. Ambos são elementos importantes dentro dos pressupostos do bilingüismo. O assessor surdo que desempenha suas funções como auxiliar do professor na transmissão e na construção de conhecimento pelos alunos, cabendo a ele também uma relação muito próxima com a orientação familiar. Quanto ao assessor ouvinte, acompanha sempre as relações entre ouvinte e surdos no contexto da escola e todos os eventos que envolvam a participação dos alunos. Sua assessoria tem significativa importância para os alunos inseridos no segundo segmento do ensino fundamental atuando como mediador entre o professor do ensino regular e os surdos.

Tais considerações apontam a necessidade da lotação de assessores de língua de sinais nas unidades escolares que ofereçam educação especial para surdos. Acreditamos que esta ação irá beneficiar a educação, o respeito à diferença e à conquista da cidadania da pessoa surda.

O **Projeto de Capacitação para Monitores (Assistentes em Educação de Surdos)** pautas-se no artigo 1 parágrafo 2º da lei n.º 2 de 2001, deve ser assegurado no processo

educativo de alunos que apresentam dificuldades dos demais educandos, a acessibilidade aos conteúdos curriculares mediante a utilização de linguagem e códigos Aplicáveis. Logo, este projeto justifica-se na medida em que se acredita que o sujeito surdo estando em contato com outros surdos, que, fluentes em sua língua, a Língua de Sinas, os expõe naturalmente ao mundo, oportunizando na interação, o conhecimento de sua identidade, construída a partir das experiências visuais. Como objetivos gerais do projeto pretende-se: oportunizar a língua como instrumento de expressão de sentimentos, idéias e valores; utilizar diferentes linguagens, reconhecendo sua funcionalidade na construção de seu próprio discurso e da sua identidade sócio-cultural; possibilitar curso de formação de alunos surdos para o trabalho de monitorar junto às Classes de Educação de Surdos da Secretaria Municipal de Educação. Como *objetivos específicos* pretende-se: Interagir com os professores, pais e com toda a comunidade escolar, para oportunizar a todos o acesso a Língua de Sinas. Atuar junto ao professor regente desenvolvendo conteúdos tratados por este em Língua Portuguesa, contextualizando-os em Língua de Sinas. Oportunizar aos alunos da Rede Municipal de Duque de Caxias a realização de trabalho remunerado, além de contribuir para a efetivação de sua cidadania.

A equipe do Programa de Surdez acompanha este processo da seguinte forma: no desempenho do professor (Formas de planejamento adequadas ao trabalho de monitoria, Recursos didáticos utilizados, Formas de avaliação); no desempenho dos monitores por meio de Cursos de capacitação para o trabalho de monitoria, Adequação do planejamento contextualizando-o em LIBRAS, Responsabilidade quanto ao cumprimento das tarefas propostas dentro da comunidade escolar, Assiduidade. São realizadas visitas dos implementadores às Unidades Escolares, reuniões periódicas com monitores e Equipe de Educação Especial e confecção de relatórios.

Atualmente, ressignificando nossa visão em relação a este profissional, denominamos hoje os mesmos de Assistentes em Educação de Surdos. Cabe ressaltar que alguns deles foram nossos alunos no Ensino Fundamental e hoje, são nossos colegas de trabalho. Apesar de se encontrar ainda em fase de implantação, a entrada do Assistente de Educação de surdos na Educação Infantil tem se mostrado bastante positiva e nos traz a esperança de que, em algum tempo, poderemos ter crianças surdas que não apresentarão as conseqüências do aprendizado tardio de uma língua.

**O Curso de Língua de Sinas para Família e Comunidade Escolar** de acordo com a proposta pedagógica descrita no projeto anterior desenvolvida em Duque de Caxias, onde buscamos possibilitar a construção da identidade, da autonomia e participação dos nossos alunos surdos na sociedade de maneira ampliada, este projeto visa proporcionar o acesso a língua de sinas às famílias e comunidade escolar. Cabe ressaltar que a família é o primeiro grupo que o ser humano faz parte e que em geral, a mãe, é a primeira mediadora de suas aprendizagens inclusive, na aprendizagem da língua materna, que ocorre pela interação entre a figura materna e com outros sujeitos de seu contexto social, quando apontam, nomeiam e socializam significados uns com os outros. A lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) garante a língua de sinas em todos as escolas. A Declaração de Salamanca (1994) documento que divulga a educação inclusiva tem como princípio a língua de sinas como fundamental para a educação da pessoa surda. Portanto, a família e a comunidade precisam compartilhar com as pessoas surdas sua língua. Para que isto aconteça de fato, se faz necessário que um adulto surdo ou pessoa ouvinte com formação em língua de sinas fluente (interprete) nesta língua

possa possibilitar ao grupo família o acesso a Língua Brasileira de Sinais. Sendo assim, entendemos que este projeto tem grande relevância, à medida que garante a família e comunidade escolar, a interação entre pessoas surdas e ouvintes. Os objetivos norteadores deste curso pretendem possibilitar a interação efetiva das famílias e da pessoa surda através de sua língua materna (LIBRAS) e oportunidade e facilitar a comunicação entre surdas e ouvintes. Os cursos são realizados nas escolas para familiares e pessoas interessadas da comunidade escolar, ministrados por monitores surdos contratados pela SME e/ ou pessoas ouvintes com formação em língua de sinais fluentes nesta língua (intérpretes) e usuários da mesma.

### **Método**

Cada selecionado é encaminhado a uma escola de referência, ficando assim lotado e ligado a uma turma de surdos do 1º segmento.

A seleção e a avaliação de candidatos com formação de 1º grau inicialmente para aproveitamento de nossos ex-alunos, realizam-se através da entrega de Currículos ao Programa de educação de Surdos. Futuramente será exigido o Nível Médio, a fim de incentivo à escolarização de tais profissionais e aprofundamento a nível educacional.

A contratação dos selecionados é feita por firma conveniada com a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias.

No último ano, o trabalho do Assistente em Educação de Surdos tem sido ampliado à Educação Infantil, devido à necessidade dessa demanda, com a chegada de duas crianças surdas a duas creches do município.

A capacitação é realizada através de encontros que neste ano terão uma frequência quinzenal, anteriormente eram realizados mensalmente. A presença das Instrutoras de LIBRAS, surdas sempre favoreceu o desenvolvimento dos Assistentes em Educação de Surdos que necessitavam de ampliar seus conhecimentos em Língua Portuguesa escrita. A questão é que os mesmos no início de sua vida escolar, não vivenciaram com liberdade um ensino bilíngüe mas sim, um ensino que priorizava a oralização somente. Acreditamos ser ainda resquício deste modelo que excluía a Língua de Sinais por falta de conhecimento científico. A participação dos professores das classes de surdos também é de suma importância neste processo pois, são eles que irão “dar o tom” da pesquisa a ser realizada com suas turmas. O Assistente em Educação de Surdos estará planejando junto a esse professor ouvinte mas, conhecedor da LIBRAS, a fim de organizar os conhecimentos recebidos em Língua Portuguesa escrita, transformando-os numa outra versão, a versão LIBRAS. É neste momento que a interação faz desabrochar o sentido real das palavras através de seus significados, apesar do conhecimento ser comum para ouvintes e surdos, o contexto no dia a dia, traz consigo a necessidade de nomear. Neste contexto surgem expressões novas como por exemplo a expressão FOTOSSÍNTESE, dado o conhecimento do sentido real deste processo na área de ciências biológicas, os surdos puderam nomeá-la em LIBRAS, criando um nome visual para a palavra antes, desconhecida por eles. Eles se embasam num modelo de pesquisa participante na concepção de formação do profissional pesquisador, em relação a LIBRAS esta perspectiva é fundamental, porque por ser uma língua ela é viva e dinâmica e envolve por parte do assistente uma atitude investigativa, porque muitos sinais surgem a partir das interações da comunidade surda



com os objetos de conhecimento, porque o avanço da escolaridade do surdo traz a oportunidade do avanço de suas fronteiras de conhecimento e sinais que não existiam surgem pela necessidade de socializar conhecimento .

## **Resultado**

A aquisição da língua de sinais de forma natural entre surdos vem acontecendo à medida que os Assistentes em Educação de Surdos passaram a atuar junto às turmas do 1º segmento principalmente, pelo fato dos alunos destas mesmas turmas chegarem para a nossa rede sem uma língua, nem identidade e tampouco, uma cultura surda constituídas. Inicialmente ao contexto educacional, parecem ter identidade flutuante em relação ao que de fato são: sujeitos que vivem através de experiências visuais. Por esta razão é que temos percebido em larga escala, o avanço destes alunos surdos do 1º segmento ao 2º segmento em nossa rede, anteriormente a este processo com a presença de Assistentes em Educação de Surdos em sala de aula, ficavam retidos no 1º segmento sem a oportunidade de avançarem em sua escolaridade, devido à falta de uma língua para instrumentalizar o seu pensamento. Hoje temos uma comunidade surda letrada .

## **Discussão**

Percebemos que os surdos desenvolvem sua língua de forma plena, essencial e com liberdade, na presença de outros surdos, sendo a comunidade vital para tais avanços. A presença de um Assistente em Educação de Surdos nas turmas iniciais é uma forma fidedigna de reafirmar os modelos surdos adultos às crianças surdas que nunca tiveram a oportunidade de encontrarem outros surdos naturalmente. A escola tem papel fundamental em reunir estes seres a fim de que futuras gerações de surdos tenham garantido seus direitos num contexto amplo, sócio antropológico. Utilizando-se da Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, como sua segunda língua. O direito de serem surdos e letrados!

Pois como afirma Skliar:

*“ A linguagem não é só um meio de expressão, um instrumento para o conhecimento, linguagem produz identidade. Em vez de falar da língua de sinais como a língua da comunicação, como a língua que serve para aprender melhor o português, a educação bilíngüe numa visão crítica, coloca a língua dos surdos como aquela que produz identidade.”*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**



3 a 6 de novembro de 2009 - Londrina – Pr - ISSN 2175-960X

Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: **ACESSO E Qualidade**. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. 2.ed.Brasília:CORDE,1997.

Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica** . Secretaria de Educação Especial-MEC;SEESP,2001.

BRITO, L.F. **Por uma gramática da língua de sinais**.Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro,1995.

Cerdeira, Magali e Pereira, Simone. Educação Especializada para Surdos no Município **Temas em Inclusão:saberes e práticas**/Aliny Lamoglia,organizadora...[ET AL.];-Rio de Janeiro:Synergia:UNIRIO,2009.

Josette Jolibert. **Formando Crianças Leitoras VI. Artes Médicas,1994.**

Josette Jolibert. **Formando Crianças Produtoras de Textos e Poemas VII.**

*Artes Médicas, 1994.*

Skliar,Carlos,org. **Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos – processos e projetos pedagógicos**. Editora: Mediação. Volume I e II, 1999.

Skliar,Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Editora: Mediação

1998.

Soares, Magda. **Linguagem e Escola – Uma perspectiva social**. Editora: Ática, 2000.

Ventura, Montserrat e Fernando Hernandez- **A organização do currículo por projetos de trabalho – o conhecimento e um Caleidoscópio**. Art med, 1998.

VIGOTSKY, L.S. **PENSAMENTO E LINGUAGEM**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.